

RESENHA ECONÔMICA

QUADROS E COMENTÁRIOS DA ECONOMIA BRASILEIRA E MUNDIAL

8

8ª Edição

Selic em queda, tarifaço dos EUA
e China desacelerando: o que muda
para empresas e investimentos

17 DE JULHO DE 2026



Essa **Resenha Econômica** contém uma seleção de indicadores e análises sobre a economia brasileira e internacional. O material reúne dados e perspectivas extraídos de diversas fontes amplamente acessíveis, como boletins econômicos, relatórios financeiros, revistas especializadas (Veja e Exame) e veículos de imprensa (Estadão, Folha, Valor, O Globo, entre outros). O objetivo desta resenha é oferecer um panorama atualizado sobre os principais temas econômicos, auxiliando na compreensão das tendências e impactos no mercado. Vale destacar que as informações aqui apresentadas não constituem uma opinião ou análise formal da **ANEFAC** ou da **ADVB**, mas sim um compilado de diferentes visões do mercado. Cabe ressaltar que este material se restringe exclusivamente à análise de cenários econômicos, sem questões de natureza política.

Boletim FOCUS semanal



Boletim FOCUS de 10-julho-26 - publicado em 13-julho-26

ANO	PROJEÇÕES		VAR%
	SEMANA ANTES	SEMANA ATUAL	

INFLAÇÃO META BACEN

TOLERANCIA	
ABAIXO	ACIMA
-1,50%	1,50%

IPCA - INFLAÇÃO

2026	5,30%	5,16%	-0,14%	↓
2027	4,18%	4,20%	0,02%	↑
2028	3,70%	3,70%	0,00%	==
2029	3,50%	3,50%	0,00%	==

3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%
3,00%	1,50%	4,50%

PIB BRASIL

2026	1,99%	1,99%	0,00%	==
2027	1,69%	1,65%	-0,04%	↓
2028	2,00%	2,00%	0,00%	==
2029	2,00%	2,00%	0,00%	==

SELIC no final do ano

2026	14,00%	14,00%	0,00%	==
2027	12,00%	12,00%	0,00%	==
2028	10,50%	10,50%	0,00%	==
2029	10,00%	10,00%	0,00%	==



Focus - Relatório de Mercado

Pesquisa diária sobre o cenário econômico com 140 instituições financeiras – bancos, gestoras de recursos, consultorias e associações.

CÔRES NAS VARIAÇÕES

- é bom
- é neutro
- não é bom

DATAS DAS REUNIÕES DO COPOM-BRA E FOMC-EUA EM 2026



BRASIL

COPOM

1	276 ^a	27 e 28 de janeiro
2	277 ^a	17 e 18 de março
3	278 ^a	28 e 29 de abril
4	279 ^a	16 e 17 de junho
5	280 ^a	4 e 5 de agosto
6	281 ^a	15 e 16 de setembro
7	282 ^a	3 e 4 de novembro
8	283 ^a	8 e 9 de dezembro

ESTADOS UNIDOS

FOMC

1	27 e 28 de janeiro
2	17 e 18 de março
3	28 e 29 de abril
4	16 e 17 de junho
5	28 e 29 de julho
6	15 e 16 de setembro
7	27 e 28 de outubro
8	8 e 9 de dezembro

NESSAS DATAS SERÃO DECIDIDAS AS TAXAS DE JUROS

INFLAÇÃO E JUROS



Inflação de junho fica abaixo das previsões com queda dos alimentos

o IPCA desacelerou para 0,16%, ante expectativa de 0,31% do mercado financeiro; apesar da trégua, índice avança 4,64% em 12 meses e permanece acima do teto da meta

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO A inflação oficial do Brasil, medida pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), desacelerou para 0,16% em junho, após marcar 0,58% em maio, apontou nesta sexta (10) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O resultado surpreendeu o mercado financeiro ao ficar bem abaixo das projeções de analistas.

A mediana das estimativas para junho era de 0,31%, conforme a agência Bloomberg. A inflação de 0,16% ficou abaixo até do piso das previsões coletadas pela agência (0,26%).

O IPCA foi o menor para junho em três anos, desde 2023 (-0,08%), no início do governo Lula (PT). Segundo o IBGE, o índice foi puxado para baixo pela queda dos preços do grupo alimentação e bebidas (-0,24%). O recuo do segmento ocorreu após altas superiores a 1% nos três meses anteriores.

A baixa de 0,24% foi a maior de alimentação e bebidas para junho desde 2023 (-0,66%). O recuo foi mais intenso do que o previsto e, conforme analistas, explica grande parte da surpresa com o IPCA.

INFLAÇÃO E JUROS

COM ALIMENTOS E COMBUSTÍVEIS MAIS BARATOS

INFLAÇÃO EM QUEDA

IPCA recua a 0,16% em junho e reforça aposta de nova redução da Selic em agosto

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@folha.com.br

Com um alívio nos preços de alimentos e combustíveis, a inflação surpreendeu o mercado ao ficar em 0,16% no mês passado, ante expectativa de 0,31% e de alta de 0,58% em maio. Foi a menor taxa para junho em três anos, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado ontem pelo IBGE. Para economistas, o resultado indica uma desaceleração dos preços e reforça a avaliação de que o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central (BC), poderá cortar a Taxa Selic — hoje em 14,25% ao ano — em 0,25 ponto percentual na próxima reunião, nos dias 4 e 5 de agosto.

— Pode oferecer mais segurança ao BC para a decisão da próxima reunião, haja vista que, além do bom comportamento dos núcleos de inflação (que captam a tendência dos preços, excluindo itens mais voláteis), o número geral foi inferior à projeção da própria instituição — resume Matheus Pizzani, economista do PicPay.

Comportamento dos preços

VARIAÇÃO MENSAL, EM %



RESULTADO DE JUNHO SURPREENDEU COM A QUEDA DE PREÇO DE ALIMENTOS, EM %



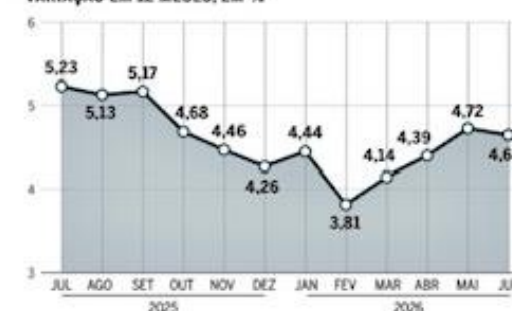
ALGUNS ITENS FICARAM MAIS BARATOS NO MÊS PASSADO



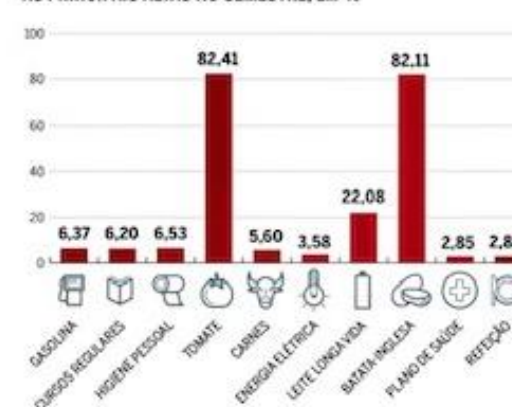
FONTE: IBGE - ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO (IPCA)

Jornal GLOBO 11-julho

VARIAÇÃO EM 12 MESES, EM %



AS PRINCIPAIS ALTAS NO SEMESTRE, EM %



COMENTÁRIOS SOBRE A INFLAÇÃO



A inflação de junho veio abaixo das expectativas e abriu espaço para nova redução da Selic.

Nossa expectativa é de um corte moderado de 0,25 ponto percentual na reunião de agosto, com a taxa passando de 14,25% para 14,00% ao ano.

O Banco Central, entretanto, deverá manter uma comunicação prudente, diante dos riscos fiscais, cambiais e externos.

Petróleo avança quase 10% com aumento das tensões entre EUA e Irã

Geopolítica Barril do Brent subiu 9,6%, a US\$ 83,30; Trump quer cobrar taxa de 20% para proteger navios que cruzem Ormuz

De São Paulo

O acirramento das tensões entre Estados Unidos e Irã fez com que o petróleo voltasse a sofrer forte pressão. Em meio a ataques dos dois lados no Oriente Médio e à intensificação da disputa pelo Estreito de Ormuz, os preços do petróleo, que haviam se afastado das máximas dos últimos meses com a expectativa do fim da guerra, retomaram a escalada. O barril do tipo Brent subiu 9,6%, cotado a US\$ 83,30, a maior alta em um só dia desde maio de 2020. Ontem, for-

ças americanas lançaram ataques contra o Irã pela terceira noite consecutiva.

Donald Trump afirmou que os EUA se- rão os "guardiões" do Estreito de Ormuz e que cobrarão uma taxa de 20% sobre toda carga transportada pela passagem para custear a proteção da navegação, apesar da posição de seu próprio governo de que a taxa violaria o direito internacional. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou Trump e comparou a cobrança de taxa no estreito à pirataria.

O comando militar do Irã disse que o

país não permitirá que os EUA interve- nham na gestão de Ormuz e que qualquer tentativa das forças armadas americanas de controlar o trânsito pelo estreito fora das rotas designadas por Teerã será dura- mente repelida. O Ministério da Defesa dos Emirados Árabes Unidos informou que dois navios-tanque do país "foram alve- jados por mísseis de cruzeiro iranianos na passagem sul de Ormuz" ontem, re- sultando na morte de um membro da tripulação e ferimentos em oito pessoas.

Pelo menos 20% de todo o petróleo

transportado por mar no mundo passa pelo Estreito de Ormuz, e a via marítima se converteu na questão chave do conflito. A operadora de Dubai DP World pla- neja construir novo porto e terminal de contêineres na costa leste dos Emirados Árabes Unidos para reduzir a dependên- cia de Ormuz e tentar blindar a econo- mia de futuras hostilidades do Irã.

Segundo relatório da Eurasia Group, para quem um alívio nas tensões parece improvável, o volume de tráfego pelo es- treito deve permanecer entre 5% e 15%

dos níveis anteriores ao conflito, bem abaixo dos 30% a 50% observados nas últi- mas semanas, após o cessar-fogo tempo- rário entre Irã e EUA. "Em razão dessa in- terrupção do fluxo, os preços do petróleo deverão oscilar em uma faixa mais eleva- da, entre US\$ 75 e US\$ 95 por barril."

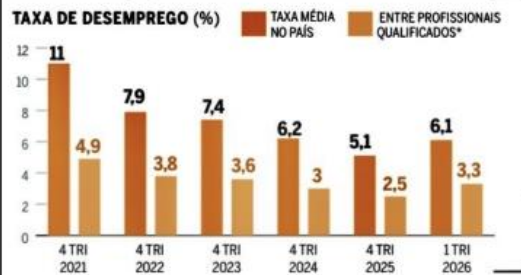
A escalada do petróleo, que tende a pres- sionar a inflação, fez os juros globais subi- rem e derrubou as bolsas. No Brasil, as taxas futuras fecharam em alta, e o Ibovespa ter- minou o pregão em queda de 1,2%. (Com agências internacionais.)

Jornal VALOR 14-jul



Onde sobram empregos

A taxa de desemprego caiu nos últimos cinco anos aos níveis históricos mais baixos, e é ainda menor entre os profissionais com ensino superior



O quadro, positivo para trabalhadores, revela escassez persistente de mão de obra nas empresas



A situação é mais crítica nos estados mais ricos...



* ELABORADO PELA ROBERT HALF COM MICRODADOS DA PNAD/IBGE

FONTES: IBGE, ROBERT HALF, GUPY E MANPOWERGROUP

... e nos setores mais intensivos em mão de obra.



DO VAREJO À INDÚSTRIA

ESCASSEZ CRÔNICA DE MÃO DE OBRA

Empresas não conseguem preencher vagas, que viram custo operacional

CAROLINA NALIN E
GLAUCE CAVALCANTI
economista@oglobo.com.br

Com 385 posições em modelo híbrido ou remoto, a Solo Network não sabe mais o que é ter esse quadro completo. No momento, a empresa paranaense especializada em serviços de cibersegurança e inteligência artificial (IA) busca profissionais para 21 vagas, de arquiteto de soluções e engenheiro de dados a gerente de contas e analista financeiro, com salários de R\$ 10 mil a R\$ 20 mil. Contratações de especialistas em cibersegurança têm levado 45 dias, mas agora as vagas da área comercial demoram ainda mais para serem preenchidas: dois a três meses.

Com a taxa de desemprego nas mínimas, sobram vagas no país. Oito em cada dez empregadores no Brasil têm dificuldade para encontrar profissionais, quadro que se repete há cinco anos, segundo pesquisa da consultoria ManpowerGroup com 1.020 empresas. O desafio é maior para quem precisa de profissionais de nível superior. A consultoria Robert Half calcula que a taxa de desocupação nesse grupo foi de 3,3% no primeiro trimestre do ano, quase a metade da geral (6,1%). Líderes empresariais já tratam o problema como crônico, que cobra um custo operacional e limita o crescimento dos negócios, do varejo e dos serviços à indústria e à infraestrutura.

Jornal VALOR 09-julho

FMI revisa projeção e prevê crescimento de 3% para PIB global em 2026

Luís Eduardo Leal e Lucas de Vitta
De São Paulo

O Fundo Monetário Internacional (FMI) manteve ontem quase inalterada a previsão de crescimento da economia global neste ano, ao afirmar que o boom da inteligência artificial (IA) está ajudando a compensar os impactos da guerra no Oriente Médio. No entanto, uma retomada do conflito poderá elevar a inflação, com efeitos sobre a atividade econômica e os mercados financeiros.

No relatório “World Economic Outlook” (WEO, Panorama Econômico Mundial), a instituição estimou que o PIB global crescerá 3% em 2026, ante previsão de 3,1% feita em abril. Para 2027, a expectativa é de expansão de 3,4%, alta de 0,2 ponto percentual em relação à projeção anterior, mas ainda abaixo da média de 3,5% registrada em 2024 e 2025.

Novas previsões do FMI

PIB anual, em %

	2026	2027
PIB Global	3	3,4
Economias avançadas	1,7	1,8
EUA	2,3	2,2
Zona do euro	0,9	1,2
Alemanha	0,7	1
França	0,6	0,9
Itália	0,5	0,5
Reino Unido	1	1,3
Japão	0,6	0,7
Mercados emergentes	3,8	4,5
América Latina e Caribe	2,4	2,7
Rússia	1,1	1,1
China	4,6	4,1
Índia	6,4	6,7
Brasil	2,4	2,2
México	1,2	1,9
Argentina	3,5	4

Fonte: FMI

Fundo melhora previsão deste ano para o Brasil

De São Paulo

O FMI fez ontem uma “revisão significativa” das previsões de crescimento econômico do Brasil em 2026, mas alertou que ele será seguida de desaceleração em 2027.

Na edição revisada do relatório “World Economic Outlook” (Panorama Econômico Mundial), o Fundo estimou que o PIB brasileiro crescerá 2,4% neste ano — alta de 0,5 ponto percentual em relação às previsões de em abril. Para 2027, a previsão é de expansão menor, de 2,2%, 0,2 ponto a mais do que em abril.

Ao apresentar o estudo, a diretora-adjunta do Departamento de Pesquisa do FMI, Petya Koeva Bro-

oks, destacou a revisão das projeções brasileiras.

Parte da revisão se justifica porque o Fundo avalia que exportadores de petróleo que estão fora da zona de conflito no Oriente Médio, caso brasileiro, têm sido favorecidos pela melhora nos termos de troca.

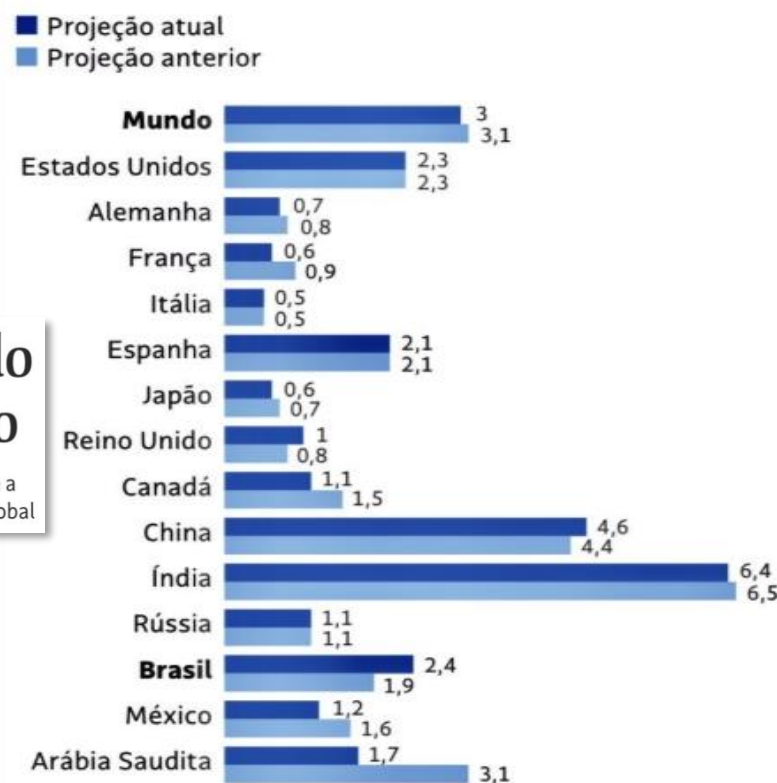
“Naturalmente, a condição do Brasil como exportador de petróleo, o maior apoio da política fiscal e o consumo privado robusto explicam a revisão para cima das projeções”, disse Brooks, acrescentando que uma forte safra também contribuiu para o crescimento no primeiro trimestre, quando o PIB brasileiro cresceu 1,1%, segundo dados oficiais. (LL e LV)

FMI eleva previsão de crescimento do Brasil e da China e reduz a do mundo

Estimativa de expansão de 2,4% para PIB brasileiro é mais otimista que a da Fazenda e a do BC; Fundo alerta para efeitos negativos de volta de conflito no Irã para economia global

FMI aumenta previsão de crescimento do Brasil

Alta do PIB em 2026, em %



Fonte: Fundo Monetário Internacional

Jornal FOLHA 9-jul

PELOTAS (RS) O FMI (Fundo Monetário Internacional) reduziu a previsão de crescimento global de 3,1% para 3% neste ano, alertando para os riscos contínuos representados pela guerra no Oriente Médio, pela fragmentação do comércio e por possíveis correções nas expectativas do mercado em relação à inteligência artificial.

O Fundo, no entanto, melhorou suas projeções para o Brasil em 2026 e 2027. Também passou a ver uma desaceleração da atividade no próximo ano, de acordo com documento divulgado nesta quarta-feira (8).

A atualização do relatório Perspectiva Econômica Global mostrou que o FMI agora vê expansão de 2,4% do PIB brasileiro em 2026, acima do 1,9% calculado em abril. Para o ano que vem, a estimativa subiu em 0,2 ponto percentual, para 2,2%.

A projeção para este ano é mais otimista do que a do Ministério da Fazenda, que previu em maio uma expansão de 2,3%, e que a do Banco Central, de 2%. O ministro da Fazenda, Dario Durigan, já havia adiantado na semana passada que o FMI iria reajustar a projeção para a economia do Brasil.

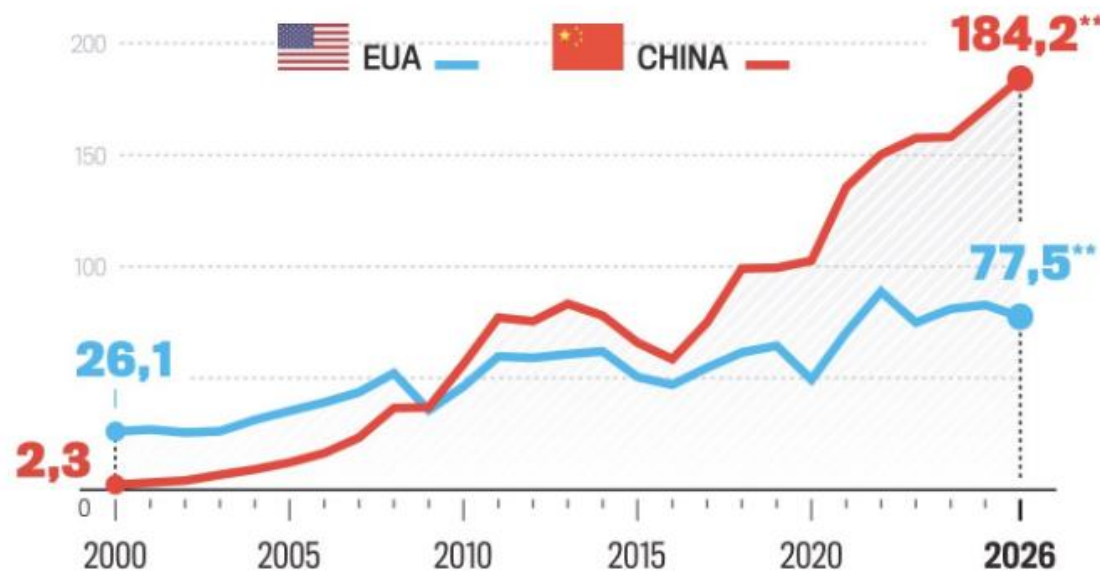
A melhora da projeção do FMI reforça a percepção de resiliência da economia brasileira.

O efeito poderá ser positivo sobre a confiança, os investimentos, o câmbio e a arrecadação.

Entretanto, para que esse crescimento seja sustentável, deverá estar acompanhado de responsabilidade fiscal, produtividade e estabilidade institucional.

INVERSÃO DE PAPÉIS

Nos últimos anos, o Brasil reduziu a dependência do mercado americano e ampliou a corrente de comércio com outros parceiros, especialmente a China (em bilhões de dólares)*



Fonte: MDIC

* Soma das exportações e importações

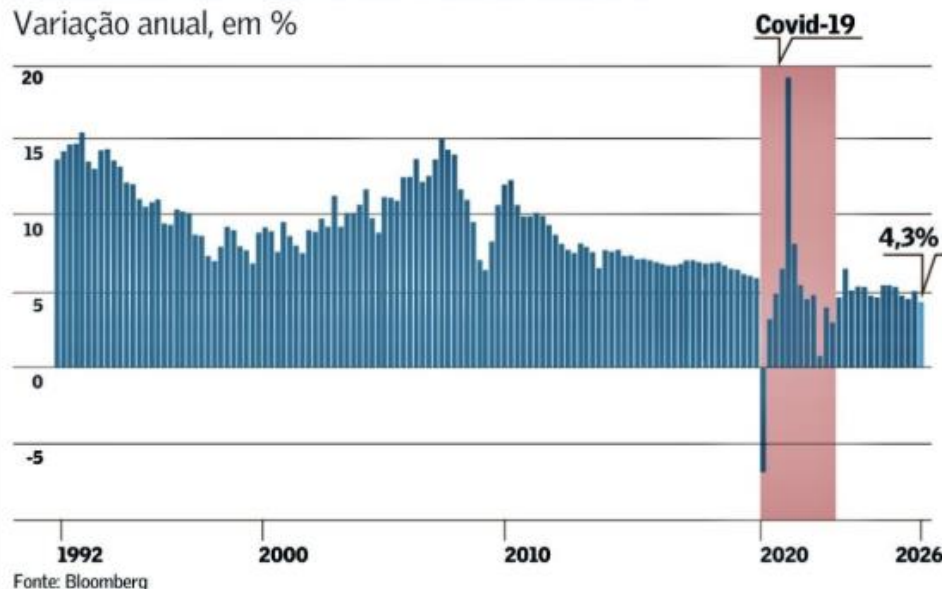
** Dados acumulados em 12 meses até junho de 2026

Revista VEJA 11-julho

Jornal VALOR 6-jul

Economia chinesa desacelera

Variação anual, em %



PIB da China tem menor ritmo de crescimento das últimas décadas

Thomas Hale

Financial Times, de Xangai

O PIB da China registrou um dos menores ritmos de crescimento trimestral em décadas, em meio ao aumento da pressão sobre a segunda maior economia do mundo, diante de sinais de enfraquecimento da demanda do consumidor e de queda dos investimentos.

Dados divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas ontem mostram que o PIB cresceu 4,3% no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano passado. Foi o resultado mais fraco desde a adoção formal da divulgação do PIB, no começo dos anos 90, excluindo-se os três anos marcados pelas restrições impostas durante a pandemia de covid-19.

O desempenho ficou abaixo da meta oficial de crescimento, de 4,5% a 5%, estabelecida por Pequim para 2026. E também foi inferior à expansão de 5% registrada no primeiro trimestre, na base anual.

A desaceleração chinesa representa um risco relevante para o Brasil, principalmente por meio da redução da demanda e dos preços das commodities.

Entretanto, a complementaridade entre as duas economias — o Brasil como fornecedor de alimentos, energia e matérias-primas — deverá preservar uma parcela significativa das exportações brasileiras.

Inflação nos EUA desacelera a 3,5% ao ano em junho

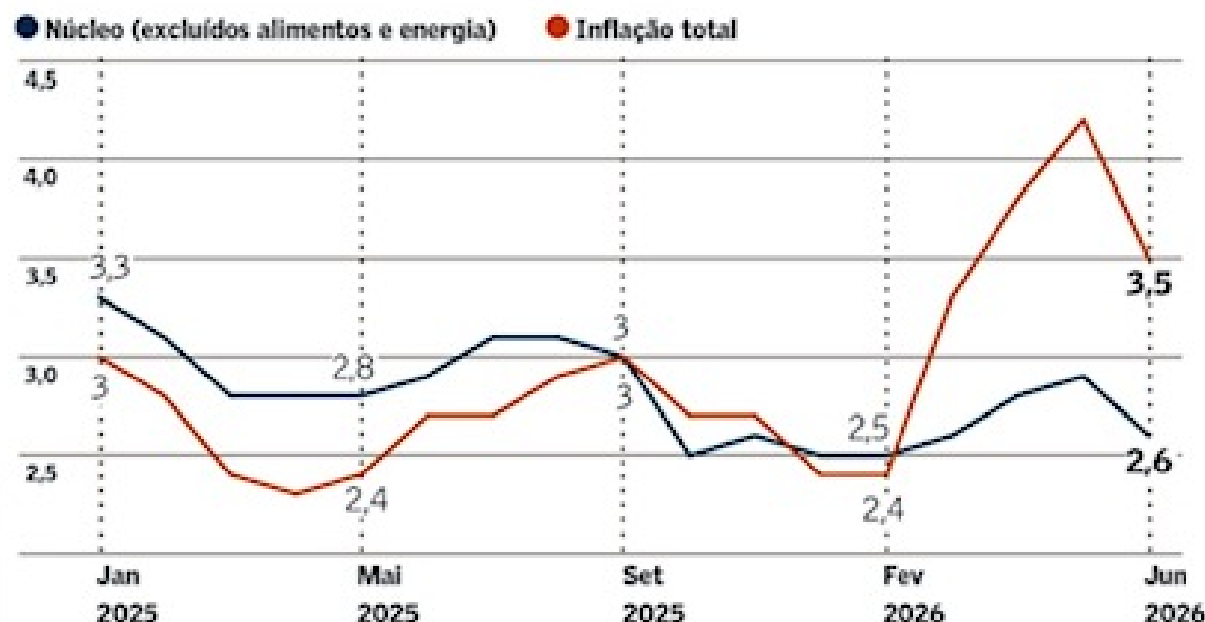
Agências internacionais

A inflação ao ano nos EUA arrefeceu em junho, com os preços de gasolina, roupas e carros usados proporcionando alívio aos consumidores, enquanto as pressões inflacionárias subjacentes também diminuíram, mais do que o esperado. Na base anual, o avanço foi de 3,5%, levemente abaixo da estimativa de consenso, de 3,8% ao ano.

Jornal VALOR 15-jul

Preços em queda nos EUA

Variação do IPC em 12 meses - em %



Fonte: U.S. Bureau of Labor Statistics. Elaboração: Valor Data. Obs.: out/25 - Shutdown

Inflação nos EUA desacelera a 3,5% ao ano em junho

Dólar cai para R\$ 5,07 e Bolsa avança com inflação dos EUA abaixo das expectativas

Deflação eleva expectativa de que Fed não aumente os juros; investidores dizem que alívio pode ser temporário por causa da volta do conflito no Irã

Júlia Galvão

SÃO PAULO O dólar fechou em forte queda de 1,09% nesta terça (14), cotado a R\$ 5,073, após a divulgação do CPI (Índice de Preços ao Consumidor), indicador de inflação dos EUA, abaixo do esperado.

O resultado do CPI reforçou a percepção de que o Fed (Federal Reserve, o banco central americano) não precisará elevar os juros a curto prazo. A notícia também teve efeito sobre a Bolsa, que fechou em alta de 0,51%, a 176.641 pontos.

Inflação tem forte desaceleração nos EUA

Índice de preços ao consumidor em 12 meses, em %



*Out.25 - Dado indisponível
Fonte: Bureau of Labor Statistics

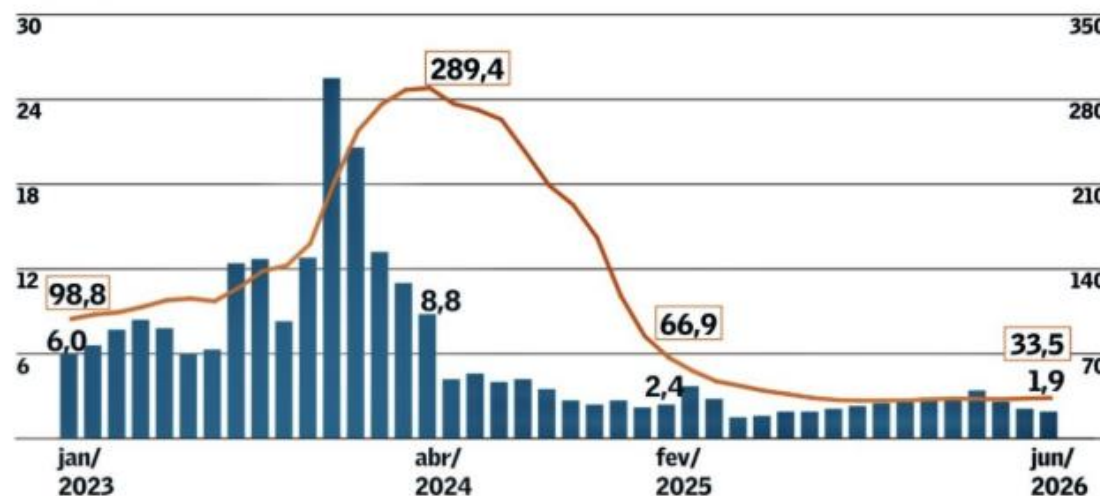
Jornal FOLHA 15-jul

INFLAÇÃO ARGENTINA

Inflação na Argentina

Índice de Preços ao Consumidor (em %)

● Mês ● 12 meses



Inflação na Argentina desacelera pelo 3º mês

Jornal VALOR 15-jul

A inflação mensal na Argentina desacelerou pelo terceiro mês consecutivo e atingiu um patamar de 1,9% em junho, informou ontem o oficial Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec). É a primeira vez em dez meses que o índice ficou abaixo da cifra de 2%. A inflação de 12 meses até junho foi de 33,5%.

O número veio ligeiramente abaixo da expectativa do Banco Central da Argentina, que estimava para junho uma inflação de 2%.

Para Juan Pablo Ronderos, sócio da consultoria MAP, o resultado reforça o alívio para o governo do presidente Javier Milei, que chega ao terceiro mês seguido com a inflação em desaceleração. Tanto Milei quanto o ministro da Economia, Luis Caputo, comemoram o resultado nas redes sociais.

A redução da inflação nos Estados Unidos e na Argentina é potencialmente positiva para as exportações brasileiras.

Nos Estados Unidos, poderá contribuir para juros menores e maior demanda.

Na Argentina, a estabilização econômica poderá recuperar as compras de produtos industriais brasileiros.

Contudo, no mercado norte-americano, o efeito positivo será limitado pelas novas barreiras tarifárias.

EUA confirmam novo tarifaço de 25% a produtos do Brasil

Lista de exceções inclui café, carne e laranja; governo diz que acionará Lei de Reciprocidade

O presidente Donald Trump acatou recomendação do USTR (Escritório do Representante do Comércio dos EUA) e decidiu tariffar produtos brasileiros em mais 25%. Haverá exceções, que incluem carne, café, laranja, suco de laranja e partes para a fabricação de aviões.

Em julho de 2025, o órgão iniciou apuração de práticas comerciais do Brasil consideradas desleais. A investigação fazia parte de medidas anunciadas pelo republicano em reação ao que chamou de “caça às bruxas” contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Entre os temas investigados estavam o etanol, motivo de atritos há anos com os EUA, e queixas mais recentes, como o Pix. Em relatório final, o USTR acusou o Brasil de impor restrições às big techs e disse que o sistema de pagamento beneficiava empresas nacionais.

O tarifaço deve entrar em vigor no dia 22, mas autoridades americanas disseram estar abertas a negociações. O governo Lula (PT) reagiu e disse que vai acionar a Lei de Reciprocidade, que prevê medidas retaliatórias contra sanções econômicas.

O que é a seção 301

A Seção 301 faz parte da Lei de Comércio dos Estados Unidos de 1974 e autoriza o USTR a investigar práticas consideradas prejudiciais ao comércio norte-americano.

A legislação permite que o governo dos EUA adote medidas de retaliação, tarifárias ou não tarifárias, contra países acusados de manter práticas consideradas injustificadas ou discriminatórias.

Jornal VALOR 16-jul

Linha do tempo do tariffação sobre o Brasil

Medidas dos EUA contra o país começaram em abril de 2025

- 2/Abr/2025**
Trump anuncia taxa de 10% ao Brasil sobre todas as importações para os EUA
- 5/Abr/2025**
Entra em vigor tarifa de 10%
- 9/Jul/2025**
Trump divulga carta ameaçando tarifa adicional de 40% sobre as exportações brasileiras
- 30/Jul/2025**
Trump assina decreto oficializando a tarifa adicional de 40% sobre produtos brasileiros, elevando o total para 50%
- 6/Ago/2025**
Entra em vigor tarifa adicional de 40%
- 23/Set/2025**
Lula e Trump se encontram pela primeira vez na ONU; presidente americano citou ter tido uma 'química'
- 6/Out/2025**
Lula e Trump conversam por telefone pela primeira vez
- 26/Out/2025**
Lula e Trump fazem 1ª reunião presencial em Kuala Lumpur, na Malásia; presidente americano anuncia Greer como representante comercial dos EUA
- 14/Nov/2025**
Trump assina medida que impõe exceções à tarifa de 10%
- 20/Nov/2025**
Trump anuncia exceções à sobretaxa de 40%
- 2/Dez/2025**
Lula e Trump conversam por telefone pela segunda vez; falam sobre tarifa e combate ao crime organizado

- 26/Jan/2026**
Lula e Trump conversam por telefone pela terceira vez e marcam reunião em Washington
- 20/Fev/2026**
Suprema Corte dos EUA derruba as tarifas globais de 10%
- 13/Mar/2026**
EUA incluem Brasil em lista de países investigados por uso de trabalho forçado
- 7/Mai/2026**
Lula e Trump se reúnem na Casa Branca
- 19/Mai/2026**
Brasil e EUA fazem primeira reunião técnica para debater tariffação
- 26/Mai/2026**
Flávio Bolsonaro e Trump se reúnem na Casa Branca
- 28/Mai/2026**
Brasil e EUA fazem segunda reunião técnica para debater tariffação
- 1/Jun/2026**
EUA propõem novo tariffação de 25% sobre o Brasil por práticas comerciais injustas, com base na Seção 301
- 3/Jun/2026**
EUA propõem nova tarifa de 12,5% contra o Brasil por uso de trabalho forçado
- 13/Junh/2026**
Brasil e EUA fazem terceira reunião técnica para debater tariffação
- 2/Jul/2026**
Brasil e EUA fazem quarta reunião técnica para debater tariffação
- 14/Jul/2026**
Brasil e EUA fazem quinta reunião técnica para debater tariffação

COMENTÁRIOS SOBRE O TARIFAÇO



A tarifa de 25% representa um choque relevante para o comércio entre Brasil e Estados Unidos.

Os efeitos mais prováveis são perda de competitividade, redução das margens dos exportadores, desvio de mercadorias para outros mercados e aumento da insegurança empresarial.

O impacto macroeconômico poderá ser administrável para o Brasil como um todo, mas será severo para empresas e setores muito dependentes do mercado norte-americano.

O conjunto dos slides apresenta uma economia mundial marcada por sinais contraditórios:

- ***A inflação brasileira está melhorando e poderá permitir nova redução moderada da Selic;***
- ***O FMI reconhece maior resistência da economia brasileira;***
- ***A desaceleração da China representa risco para as commodities;***
- ***A estabilização argentina pode beneficiar a indústria brasileira;***
- ***A inflação menor nos Estados Unidos seria positiva, mas as tarifas de 25% criam um importante obstáculo ao comércio bilateral.***

A principal conclusão é que o Brasil precisa aproveitar sua diversidade de mercados, fortalecer acordos comerciais e reduzir a dependência excessiva de poucos países ou produtos.

RESENHA ECONÔMICA

Realização:



Curadoria:

Ailton Leite e Roberto Vertamatti

Vice-Presidência do Núcleo Economia da ADVB

Lívio Giosa

Presidente da ADVB

*Esta publicação possui finalidade exclusivamente educacional e informativa.
As notícias, imagens, gráficos e demais conteúdos de terceiros são utilizados como referência
para análise e debate econômicos, mantendo-se os respectivos direitos autorais de seus titulares.*